



OSCAR MOURAVE

SUBURBIA

SUBURBIA




Oscar Mourave
Estaleiro Editora, 2009
www.estaleiroeditora.com
estaleiroeditora.wordpress.com
estaleiroeditora@gmail.com

Desenho e maquetação: Cristina M. Teixeira

Impresso em Publidisa
Depósito Legal S xxxx-2009
ISBN 978-84-612-9043-7



O utilizador pode: copiar, distribuir, exibir e executar a obra sob as seguintes condições:

-  **Atribuição.** O utilizador deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.
-  **Não a Obras Derivadas.** O utilizador não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.
-  **Uso Não-Comercial.** O utilizador não pode utilizar esta obra para fins comerciais.

OSCAR MOURAVE

SUBURBIA

SUBURBIA & DUAS ESTAÇÕES
TRINTA E UMA MANIFESTAÇÕES
DA TUA AUSÊNCIA

estaleiroeditora.

SUBURBIA & DUAS ESTAÇÕES

Outono 2004

SUBURBIA

I

Compravas todas as felicidades
a prazo na pequena loja da esquina
em frente à farmácia

um aquecedor para o inverno
um novo leitor de *dvd*
e uma máquina de café expresso

a quem julgas enganar?

o inverno já vai a meio
e sabes muito bem que o calor que buscas
não te pode oferecer uma máquina

e os filmes daquela estante
já os conheces bem: mostram a dor e o desengano
—ninguém quer saber disso

e para quê compraste uma máquina de café,
homem?

II

O dia principiava
com o espectáculo particular
da tua solidão

o café sobre a mesa não era uma companhia
mas a afirmação extrema e indelicada
de que nos subúrbios

a primeira refeição do dia
era também o início de uma desolação:
e aquela sensação imigrante

de chegar a um aeroporto
onde ninguém nos espera
te assalta como um ladrão voraz

e essa era a primeira lição do dia
antes mesmo do comboio que
te levaria ao trabalho.

III

Quinta-feira era o teu dia mais precioso
porque jantavas em casa dos teus amigos
Ashfaq, Ahmad e Abid —os paquistaneses

não percebias urdu, mas sabias o que era
[uma família
e, cerimonioso, dizias sempre *bismilah* à mesa
tu o agnóstico

e naquele momento, enquanto à saída do metro
centenas de pessoas ainda rumavam para casa,
tu redicionarizavas o mundo em decomposição

e recomeçavas tudo na letra «a»
porque querias pertencer também àquele
mundo substantivo.

IV

Ao contrário do centro da cidade
o subúrbio não tem um ponto
nevrálgico, um epicentro

o subúrbio é um poema sem núcleo
espalha-se

não é como a semente do pêsego
de arquitectura fechada e silenciosa
e tampouco se parece com a gema
de um ovo, aberta e radiosa

o subúrbio é descontínuo
—e descontinua na vida dos seus habitantes

são 18h47 no vermelho digital do relógio
abre a janela, porque o subúrbio começa
a viver.

V

A chuva chegou aos subúrbios
e lavou-lhes a paisagem
dissolvendo as suas encostas

o rio suburbano voltou às origens
vazando pelas margens o despojo quotidiano
da existência

em águas que transportam os sedimentos
da nossa mitologia morta: lixo plástico
uma cadeira velha e um cão sem vida

com a fúria reconquistada
o pequeno rio corre em desespero
e reconduz o meu poema

à sua indagação mais ancestral:
morro com a chuva
ou floresço em abril?

VI

Há um mês que a Senhora Huang chegou da China
e com pouco mais de uma dezena
de palavras em português
já triunfa sobre o caos

—*E eu nem consigo terminar este poema.*

DUAS ESTAÇÕES

É no outono e não noutra estação que a melodia mais exacta atinge em cheio o teu coração desolado. Não sabes muito bem onde depositar as tuas esperanças e a vida deixa de ser aquela vaga vertiginosa de acontecimentos. Assim, apaziguado das expectativas sobre o futuro, esperas sozinho na esplanada do café o gesto que te salvará da desumanização. Lês um livro, tomas um chá e escreves dois versos imperfeitos, e por um descuido qualquer mordes a própria língua:

—*É o coração na boca, é o outono que chega.*

A semana surgia num novo dia
e podias ou não, à deriva de uma nuvem
[de estorninhos
consagrar ao futuro os melhores frutos

e era bom saber que habitavas
as horas vagas das tardes clandestinas
discutindo ensaios e alguma poesia

o outono era isso:
saber que não eras o ladrão
fortuito de alguma emoção alheia

e compartilhavas o teu melhor
oferecendo no altar da estação
a tua língua exaltada

mas presentias, que nessa felicidade aprazada,
tudo o que poderiam te oferecer
era a antecipação da crueldade dos dias mortos.

No interior da noite vazia
elaboras para ti uma nova paisagem

interna

e reabres o livro da vida
com outras ilustrações

o beijo da mãe
o peito do amante
nada está garantido

mas ainda assim
esboças um sorriso

antes de dormir.

A noite prometia uma programação variada,
entre o encontro com os amigos
e a exibição de um documentário

no Café Europa os jovens comentavam
a beleza do empregado ucraniano
e dos seus olhos aflitos

e a tristeza pelas coisas do mundo
era o nosso maior intervalo:
abandonar a casa, amar e revoltar-se

e enquanto a vida corria lá fora
no interior de minha ferida mais recente
uma nova história se desenhava

e eu, que sempre pensei não depender
dos horóscopos diários,
lia na borra do meu café o dia de amanhã.

É para ti que o inverno toca
essa música em forma de lâmina
verso de corte cristalino
azul que seca os teus olhos

o frio decepa as tuas ideias
como a faca abre a intimidade
do coração do pêssego
revelando a noite ancestral

a escuridão habitada
onde a cada esquina uma navalha
afiada e sem memória
te espera para o discurso final

no entanto sabes que não é
agora que a tua veia será aberta
e segues ouvindo o quarteto de Lisboa
enquanto sonhas com outro país.

Redescobrias os objectos
pelos traços de sua ausência
e então principiavas

a arqueologia do quotidiano
aonde tudo
—pelo seu discreto desenho

parecia indicar que ele estivera
por ali:
o barbeador sujo sobre o mármore

a *t-shirt* suada esquecida
no sofá

e um bilhete quase trivial
avisando-te que o gás tinha acabado
e que te amava

agora já sabes como a memória
converte os dias de sol
numa canção triste.

O inverno se foi
e com ele o quarto aquecido
na cidade de arquitectura branca

sabias que não eras um bom aluno
para decifrar o futuro no interior
de um pássaro

prometer o mundo
esperar e depois partir:

sozinho.

Vives o mundo no seu transbordamento
vazas para a periferia

em busca da palavra antiga
aquela que não foi tocada pelo
significado

humedecer o deserto
com a tua língua meridional
e não pensar:

desaprender tudo,

amar mais,

amar melhor.

**TRINTA E UMA MANIFESTAÇÕES
DA TUA AUSÊNCIA**

Lisboa, Julho-Agosto de 2005

para F. V.

Sábado, 20 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o trigésimo primeiro dia**

Em todos os trinta e um dias da tua ausência, a minha vida se transformou numa plataforma de espera, uma gare caiada que crescia e decrescia conforme a intensidade da falta que eu sentia: exercício de escrita branca sobre tela branca. Escrever era não esquecer. «Como sou tão frágil com a minha memória?». No caminho perguntei a quem podia sobre o que fazer das horas vazias ou como completar o arco da vida não perdendo o estímulo na curva da descida. Interroguei também o pêsego e sua existência, o meu fruto obsessivo, porque até agora nunca compreendi como é

que ninguém fica maravilhado diante do mistério profundo que esse fruto encerra «(fructum) persicum–persica–Pfersich–pêssego». E descobri que tenho o talento para as perguntas sem respostas, nem as pessoas e nem o pêssego sabem —talvez a vida seja isso mesmo, manter o mistério das coisas; e deixar no coração do pêssego aquilo que é dele, e no arco da vida aquilo que é dela.

Daqui a pouco estarás aqui comigo, e me falarás das tuas viagens, das paisagens, dos acontecimentos, e ficarei olhando o interior dos teus olhos verdes —comovido— e sei que lá no fundo o meu coração te fará um convite para ires comigo em busca do mistério do pêssego e da vida.

Sexta-feira, 19 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o trigésimo dia**

O sonho: a noite passada sonhei um quadro de Marc Chagall, nele, numa atmosfera verde, flutuavam todas as minhas inquietações dos últimos trinta dias. Havia uma mulher no ar que arrastava uma criança pelas mãos, havia os passageiros do metro, linha amarela, em atitude de espanto, jornais e pássaros voavam sem distinção precisa, um turbilhão arrancava as árvores e as lançava de raízes para o alto, livros em línguas estrangeiras, uma gramática de urdu, postais antigos e quadros de uma exposição, tudo

num voo frenético —eram os meus trinta e cinco segundos de imponderabilidade.

A realidade: amanhã é o teu retorno, e também é o dia da minha libertação. Estarei livre para não mais pensar em ti, porque a tua presença física irá se impôr sobre a tua ausência. Estarei livre para estar com o meu amigo. Estarei livre para estar com o meu amante: estaremos os dois, novamente, em igualdade. Foi tempo demais, foi exercício duro para nós. Afinal, amar não se distingue em nada de outro exercício qualquer: amar só se faz amando.

A obsessão: marquei no calendário da cozinha uma cruz em todos os dias da tua ausência. Escrevi-te uma vez por dia, e pensei em ti pelo menos umas trezentas vezes por dia. A lua fez um ciclo completo, a História avançou, os crimes do mundo nem aumentaram e nem diminuíram, e eu me dediquei a uma ideia obsessiva: aproximar-te de mim através do texto. Ao fazer isso, afastei-te da realidade. É o companheiro real que reivindico agora, não aquele construído no texto:

o texto e as suas armadilhas infalíveis,
sê bem-vindo, meu amor.

Quinta-feira, 18 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o vigésimo nono dia**

A noite cai sobre Lisboa, e tu, sozinho no teu quarto medieval, dás-te conta de que antecipaste em dois dias a volta dele, quinta-feira já não é, o regresso é no sábado. Na cozinha, o calendário é um cemitério de cruces negras sobre lápides brancas, onde cada dia é a geometria das horas mortas. Ele faz falta no teu mundo. Hoje, enquanto te dirigias ao trabalho, os jornais destacavam a retirada dos colonatos da Faixa de Gaza. Ariel Sharon deixa a Faixa e engana a todos, ele quer a Cisjordânia. Pensas como Ferreira Gullar,

«a realidade não cabe no poema», e precisas mais do que nunca dele, do teu amigo.

Precisas de lhe dizer, de comunicar-lhe as tuas ideias, os jornais sensibilizam o mundo para o drama das crianças israelenses «as fotografias das crianças, inocentes, frente aos soldados da desocupação». E então todos descobriram que existem crianças israelenses. E as crianças palestinas? E a sua intifada?

Impossível esquecer Mohamed Jamal al-Durra, de doze anos, morto na Faixa de Gaza, frente às câmaras de tv; Yasser Adnan Al Ashkar, seis anos, morto por um míssil; Hussein Al Matwi, oito anos, Faixa de Gaza, morto quando saía da sua casa para comprar doces; Bassam Saadi, seis anos, morto em Jenin, atingido por um tiro de metralhadora disparado de um tanque; o número de crianças assassinadas na Palestina é grande, é maior do que o que pode caber num calendário de horas mortas. Pensas: «Onde está o meu amigo?».

As horas vão-se esvaziando, os calendários desaparecem e o tempo recircula: e tudo, absolutamente tudo, se mistura na tua cabeça, Ariel Sharon, Sabra e Chatila, Herodes, Faixa de Gaza, Cisjordânia, inocentes, mortes, mentira, intifada, o pêssego e o seu eterno mistério —o mundo é um turbilhão de dor, e tu só queres um peito para repousares a cabeça por alguns momentos.

—*Onde está o meu amigo?*

Quarta-feira, 17 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o vigésimo oitavo dia**

Transbordas as fronteiras do mundo
em busca da possibilidade de recuperar
a palavra antiga, aquela não tocada
pelo significado

humedecer o deserto
com a tua língua meridional
e não pensar: desaprender tudo,
amar mais.

Terça-feira, 16 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o vigésimo sétimo dia**

O campo da ausência é difícil de lavrar: nem toda a palavra vinga, nem todo o sentimento é capaz de florescer. Mas ainda assim mantenho o entusiasmo, e penso que no final das contas a vida é assim mesmo, o sujeito amado nem sempre está perto, é necessário construir a proximidade, aquela ponte edificada composta por uma arquitetura de intersecção: o teu mundo e o meu juntos. Eu quero recordar aqui os versos de uma canção de Renato Russo: «Venha, meu coração está com pressa / quando a esperança está dispersa / só a verdade me liberta / chega de maldade e

ilusão. / Venha, o amor tem sempre a porta aberta /
e vem chegando a primavera / nosso futuro recomeça:
/ venha, que o que vem é perfeição». O meu futuro re-
começa na quinta-feira. É com alegria, e receio, que
espero por este dia.

Segunda-feira, 15 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o vigésimo sexto dia**

Há um anjo novo sobre Berlim, diz o teu amigo apaixonado, prisioneiro da caixa de correios, colecionador de selos. «Anjos não existem», diz-lhe, recriminando-lhe nas suas ilusões, e completas, «são criações do intelecto humano, somente isso». Sabes mesmo plantar o amargo sentimento da dúvida no coração das pessoas. Em casa recordas-te de uma conversa com uma teóloga amiga:

Tu: Deus não existe, mas posso te fazer uma pergunta?

ELA: Claro!

TU: Na tua opinião, porque é que Deus criou o homem?

ELA: Talvez não tenha uma resposta para ti. Muitas vezes Deus não é claro nos Seus propósitos.

TU: Mas eu sei!

ELA: Tu? Mas não percebo! Tu não deverias te ocupar destas coisas.

TU: Não queres saber a minha opinião?

ELA: Claro que quero!

TU: Deus criou os homens por causa da solidão. Sentia-se terrivelmente sozinho pairando sobre o céu, a terra e as águas. E não fez o homem a partir do barro, como vem narrado na nossa mitologia. Criou o homem a partir de um pedaço do seu próprio coração imperfeito. Abriu o peito com a sua enorme mão azul, arrancou o coração, buscou o melhor pedaço e dali fez o homem imperfeito. Pois a imperfeição não pode gerar a perfeição.

ELA: Vai, continua!

TU: Continuar o quê, tu já sabes o que veio depois: as paixões, as guerras fratricidas, a impunidade, a História.

ELA: És um caso perdido, como é que o teu namorado te suporta?

TU: Não desvies o assunto. E já agora, sabes porque é que os homens criaram Deus?

ELA: Não, mas estou curiosa por sabê-lo.

TU: Por capricho e vaidade intelectual, não por necessidade como Deus. Os homens sempre tiveram a companhia dos outros homens. Deus, para eles, é um jogo de montar, como um enigma ou um grande quebra-cabeças, para passar o tempo.

Nem sabes o motivo de te lembrares desta conversa. Quinta-feira está chegando: admita, porquê queres admitir, anjos existem mesmo, são de carne e osso, não têm asas, e voam por ai em companhias aéreas. Um deles está agora em Berlim, e voltará.

Domingo, 14 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o vigésimo quinto dia**

كبلعب

Quando criança eu já sabia que o domingo era domingo em todo o mundo, e os habitantes de Manaus, Lisboa ou Baalbek experimentavam a mesma sensação de desgaste, abandono e solidão. O almoço com a família não era garantia de nada: sempre havia um momento onde eu me retirava para um lugar e parava de fingir. E era ali, naquele qualquer canto secreto, que eu me educava para o futuro, e pensava: «O que estará

fazendo o Oscar de Baalbek?». Para anos depois responder: «Ele agora vive a solidão dos domingos em Lisboa, e pensa em ti».

Sábado, 13 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o vigésimo quarto dia**

Aos poucos vais redesenhando os percursos quotidianos, e descobres mais, que a cidade muda consoante uma palavra é pronunciada. Se disseres «amor» na Praça da Alegria, pões em andamento um concerto breve composto de asas de pássaros, um chafariz indeciso e dois homens abandonados que dormem à sombra de uma árvore. Se falares «tempo» enquanto sobes as Escadas da Patriarcal, corres o risco de um mergulho no abismo, como fazia Clarice, pois cada degrau daquela escadaria é a antecipação da queda inexorável, do dia em que não terás mais forças e nem

entusiasmo pela vertigem da subida. E se já próximo da tua casa, no jardim das luzes verdes, pronunciares o vocábulo «ausência», é um nome próprio que surge trazendo com ele a história e o tempo consagrado, então o jardim deixa de ser jardim para se transformar na grande praça do mundo, no umbigo do universo, no olho que Deus nenhum jamais teve. E amor, tempo e ausência tornam-se numa única palavra, talvez aquela que a tua voz hesitante não soube pronunciar.

Sexta-feira, 12 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o vigésimo terceiro dia**

Por vezes encontro a palavra que traduz exactamente a busca empreendida. Então, o sentimento que em mim se elaborava no rigor do silêncio, no reino do impronunciável, ganha um desenho e se afirma. Nesse momento, floresce-me um jardim com precisão geométrica, composto de palavras e coisas, e chega-me o momento de dizer:

—É nesse preciso instante que a voz me falha ou a língua desdiz.

Quinta-feira, 11 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o vigésimo segundo dia**

Hoje às 08h24 o outono chegou ao Largo de São Mamede ao mesmo tempo que chegava ao teu coração: o indício externo, as folhas de plátanos amarelas no chão, o interno, a tua disposição para o amor. Cedo descobriste o quão rápido passa o tempo quando dividido em estações tão pronunciadas, nos trópicos não é assim: o tempo, lá, passa como em todo o lugar, mas nós vamos com ele. Aqui, o tempo passa e nós ficamos.

—*Às vezes temos a sorte de uma companhia, mas só às vezes.*

Quarta-feira, 10 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o vigésimo primeiro dia**

Orquidée papillon: as tuas cartas têm chegado no ritmo de uma melodia. Às vezes há três delas na caixa de correio, outras vezes uma somente, mas normalmente viajam aos pares.

Orquidée papillon é o selo que vem nelas, e me abrem uma pequena janela em direcção a ti. O carimbo sobre ele traz os nomes dos lugares por onde vais passando, nomes de uma geografia estranha para mim, Le Puy en Velay, Excideuil, Limoges, Thiviers, Périgueux, Coubon, Dordogne, Haute-Vienne, Périgord —regiões, cidades, será que um dia as conhecerei?

Orquidée papillon: flores que voam? A arara talvez seja uma flor que voa ruidosamente, pássaro-flor, os beija-flores são flores que voam e beijam outras flores, há borboletas que atravessam o Atlântico e são como flores, e há as cartas-flores, destas que chegam até aqui, à Rua da Rosa, uma rua-flor.

Terça-feira, 9 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o vigésimo dia**

A Ausência sempre nos provoca danos, é da sua natureza arquitectónica, que sendo muito pesada, é difícil de suportar. Ergue-se acima dos nossos outros interesses e pronuncia-se nos momentos mais inesperados: na conversa trivial com os amigos, numa cena qualquer de um filme, num verso preciso de algum poema concreto ou na letra de uma canção. Muitos adoecem, outros perdem o brilho e alguns, como eu, começam por reconfigurar o percurso pela cidade. Sei que a tua Ausência começa por me derrotar quando evito deli-

beradamente habitar aqueles espaços que reconheço como sendo da nossa cartografia pessoal. Não tenho ido mais ao parque, evito usar o metro com a sua estação sempre cheia, não compro mais o jornal no lugar de hábito e volto para casa por outro caminho.

Hoje vi num café um homem muito parecido contigo. O meu coração deu um salto triplo mortal no escuro. A partir desse momento percebi tudo, que vou trocar a angústia provocada pela tua ausência pela ansiedade inevitável da tua chegada.

O que me deixa tranquilo é que a partir de agora a viagem, seja qual for o percurso, será menor e mais suportável. Eu sei que deveria racionalizar os meus sentimentos e não transformá-los em exercício da escrita, mas ultimamente, o que me tem protegido dos efeitos da distância é escrever. Não é garantia de nada, eu sei.

Segunda-feira, 8 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o décimo nono dia**

Hoje no décimo nono dia começo a desmontagem do mundo, a viagem à procura de ti. E como na infância, inicio o jogo da busca do dentro mais dentro. Não sei onde e quando comecei, mas dentro de Lisboa há o metro, dentro do metro está a vendedora triste de jornais, dentro do jornal a notícia da morte de um palestino, dentro da morte palestina, a intifada, e no fundo, lá no fundo da intifada, a esperança, dentro da esperança o verde, dentro do verde a praça dos nossos encontros, dentro da praça tu & eu falamos do futuro,

dentro do futuro a Amazónia, dentro da Amazónia há um pássaro de muitas cores, dentro do pássaro uma fruta ancestral, que não é o pêsego, que todos sabem chamar-se «a maçã da Pérsia», mas é como se fosse, e dentro desse pêsego Amazónico há o coração duro e enrugado, dentro do coração ósseo da fruta, a noite dorme silenciosa, dentro dessa noite mais profunda desponta o dia luminoso, dentro da luminosidade surge o sol em opulência, e no interior do sol —a sua alma mais radiosa— estás tu, que me diz algo de incompreensível, e dentro de ti e do teu verbo, o teu coração: chego ao último degrau da jornada e não dou mais nenhum passo, dentro do teu coração certamente está o significado das palavras que não existem no dicionário, mas existem em nós —dentro do mais dentro.

Domingo, 7 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o décimo oitavo dia**

O dia flui: e nesse correr das águas que vai marcando o tempo e a sua inexorabilidade vou tomando a consciência de que parte do meu mundo se encontra habitado pelo vazio numa plenitude quase obscena. O parque, as estátuas de olhos vazados, os pombos de asas quebradas, os cães sem dono, o quiosque fechado aos domingos e um homem abandonado compõem uma suite triste que dança a ausência nas horas do mundo. Essa infelicidade atávica, talvez herdada dos primeiros hominídeos, narra o nosso desespero por

afecto, o nosso medo de morrer na estupenda paisagem de solidão que nos oferece a Natureza: morrer em meio às árvores, num campo aberto ou numa caverna escura, morrer afogado num lago, soterrado na avalanche ou atacado por um animal, morrer no verbo, na sintaxe e sumir dos livros, morrer nos hospitais, dentro de casa ou abreviar a vida nas celas ou nos orfanatos, morrer sempre —e com o terrível medo de desaparecer da memória dos vivos.

Mas engano a solidão e encontro a felicidade:

Aceito a generosidade, a sinceridade dos afectos, e recebo os amigos em casa onde me oferecem a sua confiança e me fazem aprender um novo idioma, um novo território linguístico para a amizade.

—*Eu sint Omar, eu vin di Brasilia, mie imi place persicile, eu plec Bucuresti.*

Improviso com o meu amigo romeno uma lição na sua língua, onde afirmo que gosto de pêssegos e que um dia talvez eu vá para Bucareste. Todos riem do meu empenho, e as horas da tarde vão sendo preenchidas, mas às vezes levanto-me da mesa do almoço e vou à casa de banho, olho no espelho o que restou do desenho do meu sorriso e digo: «Meu querido, ainda tenho doze dias para suportar a tua ausência».

Sábado, 6 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o décimo sétimo dia**

Hoje cumprem dezassete dias da tua ausência e estive a olhar o nosso «álbum de tudo», esse livro fantástico, em co-autoria, que todos nós vamos fazendo, quando decidimos partilhar a vida com outro, um álbum mental composto por imagens e organizado segundo os imperativos do desejo pela sobrevivência, que toda relação em estado inicial ostenta com o vigor juvenil. Um álbum-rua, um álbum-percurso, um álbum-caminho que começou em: «Calçada do Combro, *Les temps qui changent*, André Téchiné, *Pierrot Le Fou*, Go-

dard, Rua de São Marçal, Cinemas King, *Minima Moralia*, Malaposta, *En contrucción*, Walter Benjamin, *Olhando o sofrimento dos outros*, Susan Sontag, *Ber-nice*, *Million dollar baby*, Restaurante Paquistânês, política europeia, *le Non*, Ion Grigorescu, a generosidade com que me recebeste na tua casa, Jardim das luzes verdes, às 18h45, metro linha amarela, estação do Rato, Rua da Rosa, chocolate, o bar do Vítor, Angélique Kidjo, política brasileira, revolução, imigrantes, Baudelaire, sms, a lua sobre nós, história social dos bairros, uma grande enchente no interior da França, *La historia del increíble mono blanco*, um pedaço do Tejo à tua janela, *O espelho*, Tarkovsky, *Angels in America*, uma discussão sobre micro e macro história, o dia de Santo António, segunda-feira, livraria Ler Devagar, terça-feira, esplanada do sol, Príncipe Real, quarta-feira, à noite, choro à tua frente, quinta-feira, o batman com Christian Bale, sexta-feira, jantar com a historiadora norte-americana, sábado, o meu coração é um sol e ao mesmo tempo um pêsego maduro, os teus olhos verdes, o teu nome pronunciado no meu quarto medieval, domingo, tarde, os intervalos da minha vida doméstica, dançar contigo no B.leza, funaná, dançar com a antropologia, sair com o teatro, namorar com a história, uma indelicadeza no supermercado, uma pequena cena de ciúmes, a cautela, o receio, o sentimento de não merecimento, psicanálise, a história do meu pai, um relato sobre Abdel, salada de frango, mousse de maracujá, tu a dançares, os teus gestos mínimos: quando pões os ócu-

los para ler ou no cinema, o andar montanhês, a tua língua já mestiça, a forma inconfundível de pronunciares a palavra também, os deslizes da língua, a língua».

Álbum de aspecto interminável, breviário em andamento, sem o qual os seres humanos pouco podem fazer para desenhar o futuro. Os dezassete dias sem ouvir a tua voz, sem o contacto físico, os dias da minha travessia solitária, fecho o álbum de tudo, e penso: «Sim, é pouco, mas já temos alguma história».

Sexta-feira, 5 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o décimo sexto dia**

Jonas não sabia exactamente o que estava acontecendo, o que ele podia ver com a vivacidade dos seus olhos negros era que percorria um grande corredor feito de duas paredes de águas colossais, separadas, onde se via os peixes de cores bizarras, os navios naufragados e, vez por outra, um jovem afogado que aparecia com a fria agonia dos mortos estampada no seu rosto. Jonas atravessava algo, talvez as entranhas do mar, talvez o ventre de um gigantesco pássaro que engolira toda a cólera e todo o desejo do mundo ou talvez aquilo era

somente um sonho aterrador sem significado maior. Mas era uma viagem aquela travessia, e aos poucos, as pessoas que —como ele— a cumpriam, iam abandonando pelo caminho os pesos adquiridos pela existência: a vaidade, a ambição, as pequenas iniquidades, as paixões e as outras irrelevâncias. A travessia era esse exercício do despojamento, essa redução do verbo até a sua imobilidade, o seu aniquilamento.

Era preciso paciência, algum discernimento e muita determinação para achar que algo estaria no outro lado da travessia. Talvez um país novo com um grande jardim ao centro, casas com aquecimento movido à luz solar, saúde sem medicamentos, bons salários e férias duas vezes por ano. Era preciso mais do que determinação, era mesmo necessária uma boa neurose para pensar que o paraíso existia. Jonas não era um imbecil:

A viagem que experimentava conduzia-o a um novo território. Jonas viajava não para um país, mas para o centro de um outro lugar, e movia os seus passos com solenidade e cautela. Era o assombro do mundo, como se chegasse ao núcleo de um pêssego; era como se finalmente o universo por trás do espelho se revelasse sem as distorções, e ali, naquele lugar, Jonas poderia encontrar não o paraíso, nem a bem-aventurança, não! O que encontrava ali era algo infinitamente maior, era um outro ser humano.

Quinta-feira, 4 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o décimo quinto dia**

Ontem recebi mais uma carta de ti, com esta tenho sete, e já formam um conjunto epistolar. As cartas, estas minhas companheiras dos dias longos e das noites intermináveis. As cartas, clássicas, que chegam pelo correio normal, que passam de mão em mão com um destinatário preciso. As cartas são como nós, que também vamos passando de relação em relação em busca de um Destinatário para os nossos melhores afectos, as cartas e nós, e o nosso destino a cumprir.

Tu sabes que normalmente não saio com documentos de identidade, quase nunca, se calhar é porque aprendi a ser um *sans-papier*, tantos anos sem papéis neste país deixaram-me algumas marcas. Ora, o dia estava lindo, fazia calor, eu caminhava para o meu emprego e na minha pequena pasta de trabalho havia somente sete cartas e um livro sobre poesia russa moderna, além de alguns papéis amassados. Nada mais. Eu caminhava pelas ruas de Lisboa mas a minha mente estava no teu país. Andava por entre os automóveis e as pessoas mas ficava a imaginar como deveria ser caminhar ao teu lado pelas ruas da tua pequena cidade cheia de história. Pelos cartões postais que vieram, vi que há muitos castelos na tua região, então pensei: «Como deve ser visitar um castelo na presença dele?».

Em seguida pensei em coisas mais fatais, e me imaginei como se fosse personagem de alguma canção de Morrissey: «E se um camião de dez toneladas atravessasse agora o meu caminho», eu sem papéis, difícil de reconhecer. Alguém certamente iria à minha pasta em busca da minha identidade, de alguma indicação sobre mim, quem eu era, o que fazia ali naquela encruzilhada num dia exaustivo de Verão, no que eu pensava. Alguém iria ler as tuas cartas, e é muito provável que a partir de então essa pessoa passasse a ter por mim respeito e compaixão, me veria como um ser humano especial, não como uma vítima da desordem urbana, e num relance essa pessoa seria tomada por

uma grande inquietação, e talvez, por causa das tuas cartas, pensasse: «Sim, eu gostaria de tê-lo conhecido». E logo depois ela pensaria em ti.

Felizmente a vida não é uma canção de Morrissey, a vida é vida e eu estou aqui, agora mais do que nunca protegido, quieto, esperando, no interior silencioso de uma caixa de correios na Rua da Rosa, por mais uma carta que vem das montanhas.

Quarta-feira, 3 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o décimo quarto dia**

As nossas conversas foram aos poucos tomando um outro rumo, uma nova direcção. Sabíamos que depois daquela noite, quase noite de Santo António, as coisas jamais voltariam a ser o que eram. E repentinamente, sem nos darmos conta, trocámos o registo dos nossos relatos da retrospecção (o nosso passado, as nossas relações anteriores, os sonhos abandonados pelo caminho) pelo da prospecção (viagens no futuro, a visita ao meu país, o encontro com a minha família); é sempre assim, chegou a hora de criarmos o passado, de começar a construir a nossa memória.

Certa vez um famoso arquitecto do meu país disse que por sermos uma nação nova tínhamos de construir o nosso passado, criar a nossa própria arquitectura porque a nossa memória ainda era incipiente para nos fornecer os modelos ou os pilares que sustentariam a modernidade. Eu venho de um continente assim, condenado à modernidade. Construimos cidades no ar, criámos a alta tecnologia, inventámos o homem do futuro, aprofundámos as desigualdades, reinventámos a liberdade, condenámos os miseráveis, superproduzimos coisas, matámos os nossos irmãos de fome, reinventámos o capitalismo, mudámos a direcção da globalização, destruimos o planeta, vendemos os nossos corpos de várias maneiras, nossos laboratórios criaram novas doenças, amámos com paixão e desmedida, e matámos por isso, habitamos mega-cidades, sonhamos novas utopias e vivemos a nossa neurose. Quem sou eu, meu amigo? Eu sou um homem das Américas, mas também sou aquele que tu vais conhecendo, e que vais educando um pouco à tua maneira quando desvia o voo que o meu olhar projecta sobre a realidade, fazendo-me pousar no território mínimo, sensível, da rua e do bairro: tu me devolveste o afecto que a minha ciência pode e deve ter. Eu me sinto um pouco ridículo em me expor dessa maneira, em ter de falar na primeira pessoa; mas usemos agora a voz do poeta local, aquele que mais do que ninguém viu que todos nós podemos ser várias pessoas ao mesmo tempo, e também a voz do outro

poeta, nascido no meu continente, que escreveu, «I
too am untranslatable»: somos assim, ao mesmo
tempo várias pessoas, e intraduzíveis.

—*Contigo eu reaprendo a ser novo, não a ser moderno.*

Terça-feira, 2 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o décimo terceiro dia**

Já não consigo articular a minha noção do tempo com a realidade, apenas algumas zonas do meu entendimento põem-me habilitado a trabalhar no mundo concreto. Assim, consigo cumprir as tarefas mínimas, e ganhar o meu salário.

Agora há pouco fui ao meu bar favorito onde leio *Ressurreição* de Machado de Assis. Tu já sabes onde é, na Travessa do Conde de Soure. Tomei dois sumos, ainda não posso beber álcool. A cadeira à frente, vazia. Vítor, o dono do bar, põe a minha música favorita,

agradeço à distância com um sorriso, volto ao livro, a cadeira à frente, vazia. No romance que leio, Livia e Félix, os protagonistas, ainda não se entenderam. Penso em nós e saio.

Começo a minha viagem desobediente e decido ir em direcção à tua casa, como se eu fosse lá te levar. Ando à noite pelas ruas do bairro reconfigurando os espaços nesta cartografia da ausência, tu não sabes a densidade que a tua falta provoca. Na Rua da Vinha vejo a parreira que cresceu tanto que cobre de tempo as paredes da casa nº 48, dali vi contigo uma das luas mais bonitas sobre Lisboa. Na Rua Nova do Loureiro a buganvília estica a primavera e, mesmo à noite, faz saltar as cores. Atravesso outras ruas para chegar logo à Rua da Academia das Ciências, dois arcos a principiam, um simples e o outro mais solene. Estes arcos têm um significado especial para mim, julgo que foi ali, numa das noites em que te levava para casa, que soube o que nos aconteceria. Fui até a esquina em que costumava te deixar, e voltei para casa carregando no coração a lua, a vinha, a buganvília, os dois arcos e tu — com este conjunto sou capaz de fundar uma nova mitologia, e recriar o mundo.

Segunda-feira, 1 de Agosto de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o décimo segundo dia**

Toda a palavra (escrita) é uma fractura articulada que expressa os limites da linguagem. Dizer, às vezes, é estabelecer uma geometria. Eu posso escrever coisas com profundidade, algumas até com significados, mas não posso (agora) comprar-te chocolates, segurar na tua mão no cinema, sentir-me um homem das montanhas quando caminho contigo, beber água com gás no parque das luzes verdes, discutir a política europeia, «acusar» os teus privilégios, jantar no restaurante paquistanês e ouvir a tua voz. A ausência não é o con-

trário da presença como se imagina, mas um exercício meticoloso, quase obsessivo, para manter presente aquele que está longe, in absentia.

—*Agora também habitas os meus sonhos.*

Domingo, 31 de Julho de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o décimo primeiro dia**

A tua tristeza é inevitável. Nem o céu azul, nem a companhia do teu amigo romeno (com as histórias da imigração), nem a canção do dia são capazes de te orientarem: experimentas uma nova desordem, uma outra fragmentação e a realidade deixa de fazer sentido. «Vens comigo para Noruega, trabalhamos lá na pesca por dois anos e depois abrimos um bar em Manaus» diz o teu amigo sonhador, com os gestos largos de uma muralha humana. E tu olhas para o Tejo, entristecido, sonhando com outra paisagem e com outra língua.

Em casa, à noite, procuras coisas. Não sabes o quê. Reviras caixas, buscas pedaços de papéis guardados sem saber o motivo, relês bilhetes, olhas as fotografias que ficaram fora dos álbuns, o que procuras? Finalmente encontras algo, um catálogo de uma exposição, ali esquecido num canto do quarto. Havia estampada a fotografia de um quadro de Eugène Fromentin que viste numa exposição, *Une rue à El-Aghouat*, de 1859: era todo o peso da luz da Argélia que caía sobre a tela. E te lembraste que naquele outono, em Paris, também a tristeza era inevitável enquanto caminhavas sozinho na companhia de outros imigrantes, pela cidade real fora dos cartões postais.

Está difícil buscares um sentido para céu azul, Noruega, pesca, Tejo, Manaus, Paris, Fromentin, Argélia e tristeza. O teu coração hoje parece um pêssego sem o caroço, sem o núcleo que lhe dá forma e segurança, e que o justifica. Talvez mais à noite, no sonho, quem sabe?

Sábado, 30 de Julho de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o décimo dia**

Há momentos na minha vida que tenho a nítida impressão de que os meus talentos, emoções e discernimento parecem entrar em conspiração e, silenciosamente, conduzir-me para um dado ponto, um único topos, e legitimá-lo como sendo aquele onde vale a pena morar, onde devo concentrar-me: já me conheço, eu sou capaz de assaltar um banco quando estou assim, e sou capaz de morrer no deserto, segurando com todas as minhas forças o objecto roubado.

Hoje decidi que deveria reler o famoso ensaio de Isaiah Berlin chamado *O ouriço e a raposa. Um ensaio*

sobre a visão da história de Tolstoi. Já tive a oportunidade, uma vez, de conversar contigo sobre a importância das ideias contidas nesse ensaio. Nem todas as nossas conversas eram tão intelectuais, mas me agradava a sensação de que alguém estava disposto a me ouvir com atenção, e por isso eu até me esmerava na exposição. No ensaio de Berlin, ele o começa por citar um fragmento do poeta grego Arquíloco onde estava escrito «A raposa sabe muitas coisas, mas o ouriço sabe uma coisa muito importante». E a partir de então, Berlin, com talento e clareza, busca através da interpretação desses versos, construir uma teoria para compreender os homens de pensamento dividindo-os em dois tipos, aqueles que são raposa (sabem muitas coisas, pensam o mundo a partir de várias janelas, são os pluralistas) e aqueles que são ouriço (concentram-se num único ponto, e a partir dele empreendem uma viagem de conhecimento, são os monistas). Berlin escreve esse ensaio para compreender a literatura (russa), mas aplica-o também para dividir os pensadores em raposas: Shakespeare, Heródoto, Aristóteles, Erasmo, Molière, Goethe, Pushkin, Balzac e Joyce; ouriços: Dante, Platão, Lucrecio, Pascal, Hegel, Dostoiévsky, Nietzsche, Ibsen e Proust. A grande esfinge, para Berlin, é Tolstoi: que segundo o autor, era por natureza uma raposa, mas que acreditava ser um ouriço. O ensaio busca compreender Tolstoi.

Sabes porque reli o ensaio? Não foi para fazer um trabalho acadêmico, nem para escrever um artigo.

Li-o como quem lê um horóscopo no jornal dominical, como alguém que busca organizar a sua semana a partir das indicações dos astros, o motivo prosaico porque o li foi para saber quem de nós é a raposa e quem é o ouriço: eu sou a raposa, e tu és o ouriço.

Hoje eu tive a noção de que por mais que eu queira não pensar na tua ausência, por mais que eu tente a distração em actividades intelectuais, as disposições do meu espírito parecem convergir para o ponto da explicação do meu interesse por ti: eu não sou uma qualquer raposa, eu sou daquelas que se interessam por ouriços, e me encanto verdadeiramente por pessoas que sabem usar da sua inteligência centrípeta. Eu gosto do teu perfil intelectual, e sinto falta das nossas conversas no jardim sob a luz verde da tarde, exactamente hoje, no décimo dia da tua ausência.

Sexta-feira, 29 de Julho de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o nono dia**

As tuas cartas chegam, aos poucos, de lugares com nomes estranhos, em papel improvisado com a tua caligrafia pouco rigorosa e por isso mesmo tão bela. Na caixa do correio elas são uma nota de vida em meio às contas para pagar, às promoções de electrodomésticos e os folhetos de viagens que prometem brindes diferenciados para homens e mulheres. Quase todo o mundo cabe naquela caixinha.

Cumpri as horas do dia com determinação, e as tuas cartas e mais a mensagem que me enviaste por te-

lemóvel fizeram-me crer por um segundo que poderíamos ainda nos encontrar para o café naquela esplanada sob a luz verde. O alarme é falso, tu estás a quilómetros de distância e eu ainda tenho um ensaio para reler.

O fim-de-semana começou. Não terei os meus alunos com os seus projectos, não terei a impaciência da secretária, nem o bom dia do jornaleiro da esquina do meu trabalho, não terei o metro cheio pela manhã e nem o despertar das máquinas das obras ao lado de casa, não terei muitas coisas, para as quais estou preparado para suportar a falta; desde criança aprendi a renunciar coisas.

—O que não sei fazer ainda é como minimizar os efeitos da tua ausência. E nem quero aprender.

Quinta-feira, 28 de Julho de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o oitavo dia**

Existe em Lisboa um homem, de aspecto aparentemente abandonado, que circula pelas ruas da Baixa com cinco cães brancos, de diferentes tamanhos e raças. É uma imagem que me provoca um espanto poético: como se aquele conjunto formado pelo homem e pelos cães exigissem um enredo, uma tradução. Nem sempre o encontro, mas acostumei-me à ideia de que a sua aparição é uma manifestação do inexplicável em minha vida —quase uma espécie de arauto, a anunciar a guerra ou a paz.

Certa vez te falei sobre ele e os seus cães, e na ocasião disse-te que um dia talvez eu escrevesse sobre isso. Mas escrever o quê? Quando a própria realidade parece ser a sua concretização poética. Basta ver o homem atravessar com os animais por entre os consumidores apressados à porta das lojas para compreender que nada mais deve ser escrito ou referido. O único que sei é que aquele homem desconhecido (com os seus simbólicos cães brancos) é a garantia do meu desequilíbrio, e toda a vez que o vejo tenho de buscar em mim algum refúgio.

Hoje na Baixa novamente o homem dos cães fez com que eu me aproximasse do precipício. No entanto, havia em mim uma nova coragem, a vontade de guardar esta história para ti. Foi então que me arrisquei e vi o azul do abismo e os seres que lá no fundo se debatiam, vi a dor e os naufrágios, vi um livro de capa dourada com dois versos conhecidos de um antigo poema italiano, vi pássaros mortos e vi o meu pai tocando oboé: e chorei.

E assim, no oitavo dia da tua ausência, eras tu e mais ninguém, quem me estendia a mão.

Quarta-feira, 27 de Julho de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o sétimo dia**

Reconforto-me na rotina: tento acreditar na normalidade das coisas, que tudo à minha volta funciona mais ou menos bem como numa canção de verso simples e repetitivo. Saio da estação do metro sempre cheia de gente, e sei que vou encontrar a vendedora de jornais à porta da pastelaria antes de chegar à praça de luz verde. É tão seguro saber o que me vai acontecer no passo adiante. Acho que jamais seria um desbravador ou um viajante destemido. O desconhecido me assusta. Acelerei o passo hoje porque algo me inco-

modava, uma coisa inexplicável, cruzei rapidamente a rua e ganhei o passeio onde trabalha a vendedora de jornais. Lembras-te dela? Naquela tarde de domingo chegámos a conclusão de que ela era uma mulher muito antipática e péssima vendedora, uma vez que fez pouco caso da nossa reclamação sobre a falta do caderno de cultura que deveria estar encartado no nosso jornal, «Muito bem, então eu queria formalizar uma reclamação para que a senhora entregue aos distribuidores, o que não pode é comprarmos um jornal incompleto» e ela tão grosseira nos devolveu o dinheiro, dizendo que não ia fazer nada. Olhámos um para o outro, nós os estrangeiros nessa cultura, encolhemos o ombro e tivemos pena dela. Pois hoje ao passar em frente à banca onde trabalha vi-a beijar, delicadamente, uma fotografia de criança e desejar coisas boas, era a figura do neto estampada naquela imagem, e ela acariciava-o com tanto amor que me comoveu. Imediatamente aquela mulher mal-educada transformou-se na avó mais diligente que conheci, e recuperei-lhe instantaneamente a sua história, e a vi bela, amando ardentemente homens que a desprezaram, a vi com as dificuldades em criar os filhos que lhe foram nascendo, cada um fruto de um desengano e abandono, a vi lutar pelo seu direito de existir, até que vida lhe transformasse naquele cacto seco e sem vida que vende jornais numa esquina de Lisboa. Senti-me envergonhado com os meus direitos de consumidor burguês ferido, e vi a vacuidade das coisas da vida.

Andei depressa, e pensei, resignado, por onde será que andavas naquele exacto momento. Tentei imaginar-te no teu país com a tua família, o que será que falariam nessa língua tão cheia de melodia —e reflecti, «Será que ele está pensando em mim?». Eu sei, o meu mundo é cheio de dúvidas.

Já em casa abri a caixa do correio: e lá estava uma carta do estrangeiro.

Terça-feira, 26 de Julho de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o sexto dia**

«Sarajevo, Mostar, Jenin, Ramallah, Grozny, Cabul, Bagdad» repetia em minha cabeça, como um mantra, o nome dessas cidades ardidadas, e de alguma maneira ligava-me espiritualmente à essa geografia da devastação, aos lugares esquecidos da humanidade. O que fazem os moradores dessas cidades? Vivem, seguir adiante com a vida é a sua maior resistência, o seu maior protesto. Em Sarajevo, durante a guerra, as mulheres iam ao mercado e à noite iam ao teatro assistir ao *À espera de Godot*, encenada por Susan Sontag, em

Mostar as crianças cruzavam a ponte porque a escola ficava do outro lado. A vida corria nestas cidades, e em Jenin, o menino Hassan, de onze anos, escrevia no seu pequeno quarto uma redacção sobre a história da Palestina enquanto as tropas israelenses andavam sobre o telhado —era preciso ter cuidado, a professora era muito severa—, em Ramallah dois jovens descobriam o amor, em Grozny era possível alugar um vídeo, em Cabul as mulheres se reuniam para o chá e em Bagdad, Basheer, o barbeiro, estava preocupado porque Awal, sua filha, não lhe tinha telefonado, ele não sabia mas ela fora morta por um míssil. É assim que combatemos a destruição da nossa humanidade, vivendo.

Ontem à noite, na segurança do meu quarto medieval, já na cama, reli o teu ensaio sobre a história social das populações urbanas, a cartografia mental da cidade e as relações entre os indivíduos no espaço do bairro, na rua, na casa e no coração. Tens razão, tu com os teus olhos verdes, é aqui neste espaço diminuto das relações sociais que nós, os seres humanos, vamos tecendo a história como as mulheres iranianas tecem os seus *gabehs*. E mais do que nunca, antes de dormir, pensei nos outros seres humanos que também fazem o mesmo gesto quotidiano de sobrevivência, e como numa oração e o pensamento em ti, repeti três vezes antes de dormir:

—*Sarajevo, Mostar, Jenin, Ramallah, Grozny, Cabul, Bagdad.*

Segunda-feira, 25 de Julho de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o quinto dia**

Quando eu era criança, inventei um jogo só para mim. Era fácil e se consistia em ficar olhando, deitado no chão frio da minha casa, para um espelho que apontava para a rua e reflectia o mundo ao contrário, o vai-e-vem das pessoas, os carros e a chuva que a todos surpreendia. Era assim que eu desmontava a engenharia do mundo. Tudo era diferente no reflexo, mas dava-me, por segundos, a ilusão de que não. Hoje, quando voltava para casa fiz exactamente o percurso do meu quotidiano: a saída do metro sempre cheia de pessoas apressadas, a vendedora de jornais à porta da

pastelaria e a luz verde do jardim, tudo a mesma coisa, e já tão diferente. Voltei ao espelho da infância e busquei um reflexo que faltava, não o encontrei e, já na altura da rua de São Marçal, tropecei no meu espanto: a imagem que eu buscava era a tua. E dali em diante abateu-se sobre mim uma nova espécie de angústia nunca antes sentida. E houve um desmoronamento, e as minhas ideias foram caindo uma atrás das outras num silencioso jogo: ruiu o metro e sua saída cheia de gente, caiu a vendedora de jornais com a pastelaria, despencaram as árvores do parque sob o peso da luz, e pássaro algum voou e nenhuma criança saiu à praça, o mundo estava deserto, o mundo estava sem ti.

Domingo, 24 de Julho de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o quarto dia**

Transmutation: eu queria ser aquele teu amigo argelino da infância: defender-te do mundo com a minha inocência: habitar ao teu lado as ruas de Le Puy en Velay, as ruas que jamais conheci: ser a palavra promessa: saltar do alto da montanha sendo a montanha, o salto, a trajectória e a queda ao mesmo tempo, na mesma escrita: queria ser Walter Benjamin, Baudelaire, para estar contigo agora: queria ser a semente no interior do pêssogo e contar-te a história de um segredo: mudar a minha consciência: ser uma outra

língua: despersonalizar-me até que de mim não reste mais nada e renascer puro nas tuas mãos: eu queria ser as tuas mãos: e queria ser o espanto dos teus olhos verdes diante do fenómeno, porque sei que te espantas com essas coisas: eu queria ser analfabeto agora, para não estar preso à minha escrita.

Sábado, 23 de Julho de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o terceiro dia**

Ainda tenho uma relação intelectual com a falta que me fazes. Preencho os espaços com a leitura de ensaios, de alguma historiografia e sobretudo de poesia. Às vezes ouço música, e evito aquelas que me fazem lembrar de ti. Passei a ser um vigilante severo de mim próprio, um investigador policial apurado e atento aos menores gestos que denunciem a minha necessidade de ti, querido amigo. Eu quase já sou outro —aquele que me vai guardar até o teu regresso.

Ontem à noite tive um sonho curioso. Nele eu visitava um estranho museu de paredes brancas, todas

elas, galerias e galerias de paredes brancas, vazias, era tão angustiante a visita, e eu estava sozinho. Por fim, no final de um grande corredor, encontrei um quadro de Cézanne que explodia em cores. Era uma das suas famosas versões da montanha de Sainte Victoire. Fiquei diante do quadro observando-o enquanto vinha à minha memória a tua voz solar que me dizia: «O que é que eu posso fazer? Eu sou montanhês, do centro da França, não tropical como tu». E a partir de então, o museu se transformara na cozinha de casa, e havia os convidados à nossa volta que se divertiam com as observações etnográficas que fazíamos um do outro, enquanto eu lavava a louça e tu as enxugava.

E agora de manhã, no momento em que organizo as tarefas que me ocuparão o resto do dia, volto a sentir aquela sensação branca do museu vazio. Eu sei o que isso significa: não é mais possível intelectualizar a tua falta.

—É já a manifestação física da tua ausência.

Sexta-feira, 22 de Julho de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o segundo dia**

Ontem à noite no passeio pelo bairro pensei na nossa última conversa antes da tua partida. Eu sei, havia os imperativos da lua que nos interrogava do céu, os nomes das ruas (substantivos de profissões, heróis ou datas) e os teus olhos que me inquietavam. A tua viagem e o teu regresso foram temas estrategicamente evitados —eis a minha educação, a minha nova forma de delicadeza.

E enquanto caminhávamos de mãos dadas eu começava —no silêncio mais profundo— o exercício da

prospecção do futuro. Tu apertavas mais a minha mão, e sem dizermos nada, sem pronunciarmos uma única palavra, soubemos desde aquele instante que tínhamos decidido algo de valioso —então, tomado de um pudor inexplicável, falei-te da lua em termos científicos.

Olho pela janela e a lua —disco vibrante— em trajectória sobre Lisboa cumpre o seu destino: mas é sobre ti que se inclina o meu espírito.

Quinta-feira, 21 de Julho de 2005

**Trinta e uma manifestações da tua ausência:
o primeiro dia**

A saída apressada do metro, a vendedora de jornais à porta da pastelaria e a luz verde da praça indicam a normalidade das coisas no meu mundo. Há pouco tropecei no passeio —tu conheces o meu talento para o tropeço— e arrebentei com a sandália. Pensei, se ele estivesse ao meu lado diria com aquele sotaque só dele: «impressionante, como é que tu consegues tropeçar com estas sandálias?». Bastou-me esta evocação, e agora sei que hoje é o primeiro dia da tua ausência.

ÍNDICE

SUBURBIA & DUAS ESTAÇÕES	7
SUBURBIA	9
I.....	11
II	13
III.....	15
IV.....	17
V.....	19
VI.....	21
DUAS ESTAÇÕES.....	23
<i>É no outono e não noutra estação...</i>	25
<i>A semana surgia num novo dia</i>	27
<i>No interior da noite vazia</i>	29
<i>A noite prometia uma programação...</i>	31
<i>É para ti que o inverno toca</i>	33
<i>Redescobrias os objectos</i>	35
<i>O inverno se foi</i>	37
<i>Vives o mundo no seu transbordamento</i>	39

TRINTA E UMA MANIFESTAÇÕES

DA TUA AUSÊNCIA.....	41
Sábado, 20 de Agosto de 2005	43
Sexta-feira, 19 de Agosto de 2005.....	45
Quinta-feira, 18 de Agosto de 2005.....	47
Quarta-feira, 17 de Agosto de 2005.....	49
Terça-feira, 16 de Agosto de 2005.....	51
Segunda-feira, 15 de Agosto de 2005	53
Domingo, 14 de Agosto de 2005.....	57
Sábado, 13 de Agosto de 2005	59
Sexta-feira, 12 de Agosto de 2005.....	61
Quinta-feira, 11 de Agosto de 2005.....	63
Quarta-feira, 10 de Agosto de 2005.....	65
Terça-feira, 9 de Agosto de 2005	67
Segunda-feira, 8 de Agosto de 2005	69
Domingo, 7 de Agosto de 2005	71
Sábado, 6 de Agosto de 2005	73
Sexta-feira, 5 de Agosto de 2005.....	77
Quinta-feira, 4 de Agosto de 2005.....	79
Quarta-feira, 3 de Agosto de 2005	83
Terça-feira, 2 de Agosto de 2005	87
Segunda-feira, 1 de Agosto de 2005	89
Domingo, 31 de Julho de 2005.....	91
Sábado, 30 de Julho de 2005	93
Sexta-feira, 29 de Julho de 2005.....	97
Quinta-feira, 28 de Julho de 2005.....	99
Quarta-feira, 27 de Julho de 2005.....	101

Terça-feira, 26 de Julho de 2005	105
Segunda-feira, 25 de Julho de 2005	107
Domingo, 24 de Julho de 2005	109
Sábado, 23 de Julho de 2005	111
Sexta-feira, 22 de Julho de 2005	113
Quinta-feira, 21 de Julho de 2005	115

As minhas revoluções: um esboço de auto-biografia

Nunca fiz o que esperavam que eu fizesse: não me tornei o macho reprodutor latino-americano agressivo, que desrespeita as mulheres e é cruel com os animais. Brinquei de bonecas com a minha irmã, chorei em público, falhei nalguns exames mas não na vida. Não permaneci na minha classe social. Desconfiei sempre dos sacerdotes que preferem Deus aos homens, e dos cientistas que põem a ciência acima da Humanidade. Minhas revoluções, amar mais e melhor: amar as mulheres, amar os homens, estar hoje na presença de um e amanhã, quem sabe, outra, amar o ser humano. Desconfiar dos líderes, dos homens e mulheres que têm opiniões formadas. Desconfiar dos homens que não sabem cozinhar (porque estes não têm, por completo, a compreensão do que significa a autonomia), desconfiar das mulheres que educam os meninos de forma diferente das meninas. As minhas revoluções: educar para ser educado ao mesmo tempo, ensinar a aprender. As minhas revoluções: construir uma casa sólida, confortável, engordar, co-

nhecer alguém, apaixonar-me, abandonar a casa, passar fome uma semana, emagrecer, chorar e começar tudo de novo. As minhas revoluções: ler Marx, acreditar nele, para desacreditá-lo em seguida, superá-lo e voltar a lê-lo. As minhas revoluções: dizer não, dizer sim, dizer talvez e nunca ter certeza das coisas. As minhas revoluções: abandonar Caçapava, abandonar Foz do Iguaçu, abandonar Manaus, abandonar o Rio de Janeiro, abandonar Lisboa duas vezes, abandonar Tunis e no futuro abandonar Iruñea —e no intervalo, amar mais e melhor. As minhas revoluções: amar os homens, os inteligentes porque são inteligentes, os feios porque são feios, os vaidosos pela sua vaidade, os inseguros pelas suas inseguranças, amar mais e melhor. As minhas revoluções, as minhas pequenas revoluções quotidianas.

—*E acreditar que sim, que a igualdade é dos mitos, o mais bonito.*

O livro SUBURBIA de Oscar Mourave
foi enviado ao prelo em Junho de 2009
quando se fazem seis meses do início da
ofensiva militar israeli sobre Gaza
causante de mais de
1300 mortes

